

Tudo se ilumina  
para aquele que  
busca a luz.

BEN ROSH



(HA-LAPID)

O FACHO

... alumia-vos, e  
aponta-vos o ca-  
minho.

BEN-ROSH

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
REDACÇÃO Rua Guerra Junqueiro 340-Porto  
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da  
Rua de S. Bento da Victoria, 10  
PORTO

# A unidade do mundo ou unidade e diversidade

Palestra feita à Rádio-Paris, emissão da Voz de Israel, sexta-feira, 4 de Janeiro, pelo Rabbi Louis-Germain Lévy

A palavra hebraica *Elohim* que quer dizer «Deus» é um plural tomado no singular. Significa a Unidade das forças, a Unidade da pluralidade infinita.

A Unidade de Deus que a doutrina de israel põe como primeiro e fundamental princípio não é pois de sentido aritmético; pura e simplesmente, ela exprime a coesão de ordem, a coerência da organização do mundo, a harmonia de todas as maneiras de ser nas suas diversidades e nas suas analogias infinitas e continuamente renovadas.

Noutros termos, a concepção Judaica do Deus Uno e Unico não é uma visão abstracta do espirito, mas coisa essencial e eminentemente v.va, a sinergia de tudo o que se cria num desenvolvimento de actividade enlassadamente geratriz e directriz—donde em que Deus é designado como «Elohim haïm» o Deus vivo.

Quanto mais se profundam as coisas e mais se percebe que o que no principio parecia simples é um organismo completo, função dum conjunto em que tudo se apoia, reage, retine um sobre o outro.

Unidade do mundo isso significa ao mesmo tempo variedade e solidariedade universais. Cada individuo é um principio,

qualquer coisa que, em profundeza, nunca se viu e que não se tornará a ver nunca. Por outro lado, cada existência é uma série de mudanças e de imprevistos, a pontos que nós não somos nunca exactamente o mesmo a dois minutos de distância. Cada instante traz o desconhecido na natureza e nas consciencias.

E' esta distinção inexgotavelmente multipla que causa o interesse nunca aniquilado da Vida e da História. E' a curiosidade, a ciência, a arte abertas ás possibilidades e ás perspectivas ilimitadas.

Se nós aplicamos mais particularmente esta verdade à vida social, constatamos que o movimento da civilização é um ritmo com dois termos: individualização e socialização crescentes. Individuo e Sociedade são dois momentos duma mesma função, daquilo que faz propriamente o valôr— humanidade.

A grande questão é organizar a pluralidade das afirmacões de si-mesmo, das aspiracões egoistas, de conciliar as autoncmias originais, as divisões da qualidade e do trabalho com as exigências sociais.

A verdadeira civilização caracteriza-se pelo respeito e a valorização da individualidade, pela concepção que a humanidade não é uma colecção de unidades quaisquer,

anormais, anónimas, indiferentes. Cada um de nós tem uma fisionomia, um olhar, um timbre de vós, uns gestos, umas maneiras que não possui senão êle. Cada um de nós tem qualidades mentais e afectivas, maneiras e hábitos morais, que lhe são próprios. Uma pessoa humana não é a reprodução mecânica, o pálido decalque dum modelo sempre o mesmo. Ela forma um ponto de vista especial do mundo, uma expressão particular da verdade, é um microcosmo, isto é todo um mundo e um mundo em si.

«Todo o ser, tem-se dito, representa um pensamento do ser eterno que lhe dá a existência. A cada um de nós corresponde no pensamento de Deus uma ideia que êle nos destina a realizar, que êle quer que só nós, na imensidade da Criação, possamos ser neste momento da Duração e nesta parte do espaço, alguma coisa sem que a sua manifestação no mundo seria incompleta.»

Se bem que o homem não é uma pura e simples fórmula, ele é uma potencia, de descoberta e de transformação. Por conseguinte é a livre e sumptuosa diversidade. Cada um de nós é uma revelação, pontua o ser dando-lhe uma fórmula nova, revelando aspectos e revelações que ninguém tinha percebido. Daí a invenção em todos os domínios. A novidade assim realizada entra no património comum. Do Real salta um novo Ideal, das originalidades acumuladas nascem as novas eras de crenças, de pensamento, de conhecimentos, de industria, de estética.

Assim como, visto que o homem não é um receptor passivo, mas uma energia dum tipo único não admitindo nem repetição nem substituição, cada um de nós tem uma vocação. A vocação é uma orientação em nós impressa, para uma tarefa, um papel, uma obra de artista.

Eu digo: obra de artista porque, por um lado, pode-se admitir alguma coisa de pessoal, uma centelha de beleza e de poesia até na mais humilde tarefa; e que, por outro lado, o universo é a conspiração dum imenso esforço para a elaboração de fins superiores, uma sinfonia que se recompõe a cada instante. Neste conceito cada um tem a sua nota a produzir, e quanto mais rica e pura for cada nota, mais magnífico será o concerto.

Se os homens se unem em sociedade, é para fazer «do impoderio de cada um o poderio de todos».

O Estado, é a força colectiva ao serviço dos Direitos e dos Deveres do individuo.

É o respeito dos direitos e dos deveres de cada individuo que se julgará o valor dum regimem politico.

Assim Democracia não é equivalentemente sinónimo de regimem de liberdade. A maioria é muitas vezes a multidão mediocre, credula, movel, apaixonada. Se os que compõem esta maioria não têm a maturidade do julgamento, o conhecimento e a competencia da realidade complexa e variada, o sentido do dever civicos, é preciso atender ás violencias contra as minorias e contra o direito individual. Uma democracia sem moralidade, é a irresponsabilidade, a desordem, a tirania.

E' pois indispensavel dar ás massas uma sólida educação moral, fundada sobre o respeito da dignidade pessoal, e sobre esta verdade que as desigualdade são inevitaveis, em virtude da singularidade dos temperamentos e dos espiritos, e que, finalmente, as diversidades existem para o grande bem da colectividade.

Façamos entrar nas inteligencias esta convicção que cada individuo é um centro de perspectiva particular, que é pois impossivel que nós vejamos as coisas sob o mesmo angulo e sob o mesmo colorido. Saibamos não ser sectários, não chamemos heretico a todo aquele que não pensar como nós, abramo-nos a todas as opiniões com uma curiosidade simpatica, e compreendamos que a unidade é bela, não quando ela é a monotoma, mas o accordo dos timbres mais variados.

Reajamos contra a tendencia niveladora das multidões, tendencia que iria a rebaixar e a perseguir toda a superioridade, que fariá do regimem popular o reino da mediocridade.

A natureza, no decurso das suas experiencias inumeraveis, produz algumas obras primas, as quais formam a Elite. O progresso realiza-se pelas individualidades melhor dotadas. Todos aproveitam das descobertas de alguns. As concepções nascidas em alguns grandes cerebros, os esforços tentados por alguns grandes corações, tornam-se o património comum do qual todos tem o usufruto. As superioridades tornam-se vantagens, mesmo para os que não as compartilham—existem para êles e não contra êles. A coisa pública deve ser o governo, não

dos mediocres e dos intrigantes, mas da virtude intelectual e moral. Porque, um golpe ainda, as instituições valem à proporção daquilo que elas permitem á excelencia jossual de se revelar e de se exercer.

E, agora, considerai que sentido profundo torna a vida com esta concepção da diversidade harmónica. Nada é creado em vão. Cada ser tem disposições, um character, um destino que o distinguem, é investido dum papel particular e duma dignidade singular.

Deixaremos toda a inveja por ser tão tola como imoral. Interessamo-nos por cada homem, persuadidos que cada um tem um valor em si, que é preciso empenhar-se em apreciar e colocar nas melhores condições para desabrochar.

Entretanto, dir-se-á, exaltando a individualidade como vós o fazeis, encorajais o egoismo, o egotismo, o narcisismo a cultura do eu atrai o culto do eu E isso serão os excessos da concorrência da ambição, do nitzscheismo super-excitados. .

Esta objecção não sustenta nada diante da discriminação que nós fizemos entre o bom e o mau individualismo. Nós assentamos desde o principio que separar o individuo da sociedade é uma pobre abstracção, porque não há nenhum individuo perfeitamente fechado e isolado. Para não dar disto uma prova sem réplica, a criança é originariamente numa parte da sua mãe, e ambos não podem viver senão se são alimentados e protegidos. Eis pois a socialidade estabelecida desde as origens e duma maneira necessária.

A Razão, a Consciência, o Coração são exercitadas nos ensinam que cada um depende dos outros na própria qualidade em que se distingue; que é mesmo a condição da nossa existencia ajudarmo-nos e completarmo-nos mutuamente.

Para que haja comunidade, solidariedade sociedade, é preciso todo o conjunto da identidade e da diferença. Assim há troca, cada um é ao mesmo tempo credor e devedor, porque cada um é ao mesmo tempo limitador e creador.

Se todos fossem semelhantes isso seria a repetição esteril e a taciturna uniformidade. De que podia servir então a Comunidade? Mas, por outro lado, não é preciso que a diferença seja tal que nela não haja mais consonancia possível. Por consequência, é

preciso todo o conjunto dos individuos diversamente qualificados e um organismo social que faça colaborar para o bem comum todas esta variedade de poder, que nos leva e nos habitúa a nos tornarmos produtivos e a nos elevarmos uns pelos outros no respeito e na benevolência.

«Cada um de nós, observou-se, é rico por um certo lado e pode dar aos outros, cada é pobre por tal aspecto. Pois ninguém pode perder a força de outrem. O mais miseravel pode sempre dar um pouco de amor».

A nossa divisa será: Todos por cada um, cada um por todos, se bem que, cada um será por todos e todos por cada um. Nem a separação, nem o nivelamento, mas o completo e nobre jogo da solidariedade inteligente e consentida.

Assim fundaremos a cidade das pessoas morais, sabendo-se tais e respeitando-se como tais. Realizaremos a ordem social, em que os homens, no lugar de se odiar e de se contrariar se apreciarão e se ajudarão num concurso previamente pacífico. Cada um vivendo duma maneira mais sincera, mais livre, mais activa, mais altruista, conhecerá o que faz o mais sólido e o mais duradouro da felicidade, e ao mesmo tempo o que comunica a maior grandeza á alma humana.

A união obter-se-á não pelo gastamento dos elementos que apaga as diferenças, mas pelo acrescentamento destes mesmos elementos, dando a cada um bastante força para obter o respeito dos outros, e a todos bastante nobreza para amar a Diversidade na Unidade.

Recordemos estas palavras de Amiel: «A sociedade exemplar deve assemelhar-se a uma grande sociedade musical onde tudo se organiza, se subordina, se disciplina para o amor da arte e para executar uma obra-prima.

«Ninguém é forçado, ninguém é explorado, ninguém desempenha hipocritamente um papel interesseiro. Todos empregam o seu talento e contribuem reflectida e alegremente para a obra comum».

Em conclusão tudo se sustenta no anverso, que é uma composição de forças, de vibrações, de reacções e de combinações em solidariedade de ligações constantes. Mundo mineral, mundo vegetal, mundo animal, mundo humano, mundo liberal, tudo isso

tos e os esplendores se compenetraram e agem uns sobre os outros.

E no interior do universo circula o espirito divino que, por um lado, se difunde em profusões inexgotáveis de criações, e que, por outro lado, recompõe a união da Diversidade infinita.

No *Sefer ha-Bahir* (obra cabalística do século XIII), extraímos esta observação cheia de profundidade:

«Como para o homem o cérebro é a origem de toda a actividade, mas tem necessidade da medula ínteira, igualmente o mundo necessita da primeira origem. Mas, por um outro lado, esta chama a existência de seres inferiores, para desenvolver a sua imensa e transbordante plenitude.

*Louis-Germain Lévy*

Tradução de David A. Morêno

• • •

## Modesta Homenagem

No dia 18 de Dezembro, feliz dia em que o digníssimo Reitor do Instituto Teológico Israelita, Sr. Cap. Barros Basto, completou mais um ano, durante o qual incansavelmente trabalhou em prol da instrução judaica e da Obra do Resgate, os seus discípulos, resolveram expressar a profunda gratidão que por êle sentem organizando uma pequena festa em sua homenagem.

Foi convidado a comparecer na sinagoga acompanhado da Ex.<sup>ma</sup> Família.

Fez-se primeiramente a oração e, após ela o Rev.º Samuel Rodrigues, perante a numerosa e ilustre assistência, pronunciou um discurso, modesto sim, mas cheio de emoção.

Salientou os grandes esforços que o digníssimo Reitor tem empregado na construção do edificio da sinagoga, obra sonhada pelo seu espirito cheio de fé e realizada pela sua enorme força de vontade e tenacidade; além de muitíssimas outras qualidades que definem bem a personalidade do ilustre homenageado.

Não deixou de falar também nos obstáculos e inumeros dissabores que o seu sonho lhe tem acarretado

Como todo o homem de valor tem tido e continúa a ter numerosos inimigos que,

empregando toda a especie de meios procuram deitar por terra todos os planos que o seu cérebro, nunca em repouso, vai sempre traçando. *Adonai Datan Emeth* «O Senhor é o juiz da verdade» nunca se esquece de repetir.

Passou-se em seguida à sala de conferências, ornada de cortinados, onde se encontrava um igualmente modesto palco.

Recitaram-se várias poesias e diálogos, intermeadas de canções em côro e acompanhadas de orgão

O ilustre Reitor improvisadamente fez um brilhante discurso de agradecimento, que aproveitou também para fazer a apologia do judaísmo e dar aos novos conselhos, encorajando-os a seguir-lhe o exemplo.

O digno Vice-Presidente da Comunidade, Daniel Furriel, felicitou o e agradeceu, em nome desta, o muito que ela deve ao seu fundador.

Por último um chá foi servido pelos Talmidim e damas judias do Porto, durante o qual se fizeram vários brindes.

E o Hino Nacional Hebraico terminou a festa, modestíssima repito, mas oferecida de todo o coração por aqueles que compreendem bem quando lhe devem.

*David Norberto Augusto Morêno*

• • •

## BAR-MITÇVAH

No dia 19 de Janeiro teve lugar na Sinagoga Kaduri Mekor Haim a Bar-Mitçvá do inteligente filho do Il.<sup>mo</sup> Snr. Cap. Barros Basto, Nuno de Barros Basto.

A *Shaharit* começou pelas 10 horas e foi seguida da leitura da *Torah*.

Oficiou o *Moreh* Samuel Rodrigues que foi também o professor do jovem Nunc; este, pela sua parte, leu no *Sefer*, com a maior correcção e desembaraço, perante a maravilhada assistência, a sua respectiva secção da *Torah*, e psalmodiou a *Haphtarah* com a mesma melodia, que usava seu avô Jacob Levy Azancot.

No fim da cerimonia subiu à «tebah» e leu enfaticamente, o que é muito proprio dos seus 13 anos, um pequenino discurso que por todos foi ouvido com a maior emoção.

Traçado pela sua mão, é uma prova de despontar de qualidades literárias que de certo farão dele um digno sucessor de seu pai.

E isso é nada mais nada menos o que nós esperamos.

A seguir passo a transcrever o discursinho citado.

«Nesta casa da Congregação dos filhos de Israel consagrada á eterna Fonte da Vida, a Santíssima Unidade, templo magnífico que meu pai sonhou na sua cabeça sempre fortemente de ideal e de fé e que realizou á custa de muita canceira, árduo trabalho, numerosos desgostos e sofrimentos eu venho proclamar a unidade do Deus Bendito de meus pais e meus avós: Xema Israel Adonai Eloeno Adonai E'hade.

Pertencendo por direito de nascimento á nação sacerdotal da Humanidade, ao povo eleito por Deus Altissimo e Unico para ensinar aos povos deste mundo, a Unidade Divina, o Bem, a Verdade, e a justiça social eu venho hoje solenemente perante esta augusta assembleia receber a honrosa investitura de servidor do Altissimo e para isso me envolvo no Taleth, manto consagrado pelo Nome inefável para reconhecer que em todas as ocasiões da minha vida me dev revestir de santidade; com a sagrada proclamação eu corôa a minha frente e com ela armo o meu braço e amparo o meu coração para que os meus puros pensamentos, os meus cordiais sentimentos e as minhas boas acções sejam sempre norteadas pelo amor e respeito ao Deus bendito de meus antepassados e, pela fidelidade á santa religião que Moisés, nosso mestre ensinou e que Davide, nosso rei cantou.

Assim moralmente armado eu, soldado pacífico, filho dum heroico soldado, continuarei a realização do seu ideal, recordando-me sempre da sua divisa.

«Com fé, vontade e perseverança tudo se alcança.»

Á noite, em casa dos pais, foi oferecido um elegantissimo chá no qual figuravam illustres representantes do judaismo portuense. Decorreu com grande alegria da parte de todos. Além de solenes *Michberaot* respectivamente ao Bar-Mitçva e demais familia, houve interessantissimos cantos e citações de poesias.

O dia 19 é portanto memoravel porque nele nasceu mais um ramo na arvore de Israel, um membro da nossa santa comunidade, que desde já nos promete consagrar-se á obra que seu pai começou: «iluminar os espiritos judeo-maranos mergulhados nas trevas da idolatria.

*David Norberto Augusto Moreno*

• • •

## VIDA COMUNAL

PORTO

*Festa de Hannukah*—Decorreu com brilho esta festividade, sendo a parte liturgica dirigida pelo Rev.º Moreh, Snr Samuel Rodrigues. Foi muito concorrida não só por judeus portugueses, como por judeus alemães e polacos.

*Dois nascimentos*—A esposa do Snr. Warmbrun, digno tesoureiro da nossa comunidade, deu á luz uma gentil menina.

Egualmente a esposa do Snr. Dr. Oppenheim teve um menino.

Aos felizes pais deseja Ha-Lapid, o tradicional Mazal Tob Bésiman Tob.

*Falecimento*—chamou Deus á sua divina presença a extremoza mãe do Snr. Dr. Alfredo Kieffe, digno Vice-Presidente da nossa Comunidade.

*Visitantes*—Visitaram a nossa magestosa sinagoga portuense, entre outros, os Ex.ºs Snrs. Edwin Edwards, Paul Goodman e esposa e Dr. Semtob Sequerra.

*Instituto Teologico Iszaelita*. Esta escola terminou em 31 de Dezembro p. p. com o seu internato, devendo em breve tomar uma nova organização para mais proficuamente realizar os seus fins de harmonia com os recursos que dispõe.

*Conferencia sobre o Sionismo*—No dia 20 de Janeiro, a convite do grupo Sionista Judah Ha-Levy, realisou-se na Sinagoga Kadury, no salão de reuniões. uma conferencia sobre Sionismo pelo Ex.º Snr. Paul Goodman.

O «Jornal de Noticias» do Porto publicou o seguinte relato:

—O SIONISMO — Uma conferência. Realisou-se no magestoso edificio de Sinagoga do Porto, á rua Guerra Junqueiro, 340,

uma conferência sobre Sionismo, o ilustre conferente sr. Paul Goodman, secretário honorário do Comunidade Israelita Portuguesa de Londres, publicista e historiador, fez numa linguagem clara e simples perpassar pelos olhos dos assistentes a nitida visão dos trabalhos realizados para transformar a Palestina seca e esteril em um verdejante lar nacional judaico, onde encontram uma nova existencia calma e feliz todos os Israelitas que são forçados e abandonarem a terra em que nasceram para se refugiarem na terra que foi o solar da sua raça e o berço da civilização biblica.

A sua linguagem sugestiva, pictorica e emotiva impressionou fortemente a numerosa assistencia que ovacionou calorosamente o orador, quando findou a sua inolvidável causerie.

O sr. Paul Goodman é um amigo do Porto, tendo-se interessado muito na construção da monumental sinagoga e no estudo das tradições dos cristãos-novos portugueses, Sua Ex.ª seguiu para Traz-os-Montes em viagem de estudo.

*Novos corpos gerentes*—No dia 21 de Fevereiro reuniu-se a Assembleia Geral da Comunidade para eleição dos seus corpos gerentes.

Presidiu o Snr. Paul Goodman secretariado pelos Snrs. Dr. Alfredo K'effe e E. Jernstedt d'Almeida.

Antes da ordem do dia usou da palavra o Snr. Capitão Barros Bastos sobre a necessidade da conjugação de todas as energias morais da comunidade para o progresso da obra construída do judaismo portuense, terminou por declarar não aceitar qualquer cargo nos corpos gerentes, mas prometendo a sua colaboração à Direcção que fôr eleita. Em seguida propoz que fôsse eleito uma Junta directora Honorária (Comité d'Honneur) da comunidade composta seguinte forma:

Presidente Honorário—Sir Elias Kadoorie;—1.º Vice-Presidente Honorário—Dr. Moses Bensabat Amzalak; 2.º Vice-Presidente Honorário—Raul Joodman.

Foi aprovada a proposta por unanimidade e por aclamação.

Em seguida o Snr. Paul Goodman propoz que a Assembleia reconheça que a propriedade do terreno e do edificio da Sinagoga pertence à Spanich & Portuguese Congregation de Londres visto ter sido adquiridos

com dinheiro enviado por aquela entidade Israelita. Foi a proposta aprovada por unanimidade. Em seguida procedeu-se á eleição, tendo sido eleitos os seguintes Snrs:

### MAHAMAD.

Presidente—D. Furriel; Vice-Presidente Dr. Alfredo Kieffe; 1.º secretário—E. Jernstedt d'Almeida; 2.º secretário—Nathan Beggel; Tesoureiro—H. Warmbrunn

### Assembleia Geral

Presidente—J. Xavier; Vice-Presidente A. Halpern; Secretarios—F. Furriel e Menasseh Bendob.



## O Cemitério dos «portugueses em Bordeus

(Continuação do n.º 68)

ultimo, no jornal «L'Univers Israelita». Descobriram alguns túmulos com epitáfios em português e hebraico, ainda em caracteres legíveis. A grande maioria dos nomes dos que até foram sepultados, é bem portuguesa.

Durante a grande guerra uma parte peste cemiterio foi destruída pela artilharia sendo exhumados os ossos de quatro centos defuntos.

A sua superfície actual é de 500 metros quadrados.

Constitue, pois, uma curiosidade histórica e faz evocar os tempos em que a Inquisição reinava, visto que muito dos cadáveres ali sepultados são de judeus que, naquela época, deixaram Portugal.



## OBRA DO RESGATE

Está em organização uma colectividade destinada ao resgate dos maranos, por iniciativa do nosso Director, o leader dos maranos. Conta já com algumas adesões no Porto. As pessoas a quem interesse o assunto e queiram colaborar desinteressadamente nesta sagrada obra devem dirigir-se por escrito ao nosso Director. Publicamos o estatuto dessa colectividade

# História Sagrada Infantil

Por David Morêno

(Continuação do n.º 68)

CAP. XXIX

Recenseamento.

Murmurações dos Israelitas

Depois de ter promulgado a lei, Moisés fez o recenseamento do povo. Separou 603.550 homens que deviam estar prontos a pegar em armas para correrem os inimigos.

A tribo de Levi, aquela a que pertencia o legislador e o sumo-sacerdote, não foi compreendida neste recenseamento porque Deus tinha dito a Moisés: — Que os Levitas sirvam o sumo-sacerdote Arão; que sejam encarregados de todas as funções do clero e do serviço do tabernáculo. Eles acamparão à volta da área; a cada saída desarmarão a tenda sagrada, e durante a marcha levá-la-ão com os objectos sagrados.

Em cada paragem torná-la-ão a armar e assim servirá de templo portátil. Se um profano dela se aproximar morra.»

Entretanto a nuvem luminosa cobria sempre santuário.

Sómente no vigéssimo dia do segundo mês do segundo ano, ela se elevou e então as trombetas sagradas anunciaram a partida.

Durante esta nova marcha através o deserto, Moisés ouviu várias vezes os clamores do seu povo. Estava desanimado pelas fadigas e desgostoso com o maná. Quem lhe dera novamente a abundância de que gosava no Egipto! exclamava êle.

Então Deus, vendo que a direcção dum povo assim rebelde constituia, para um só homem, um fardo bastante pesado, permitiu a Moisés que a distribuisse por setenta ancãos de Israel. Receberam uma parte da sua sabedoria e deviam ajudá-lo nas circunstâncias difíceis. Mas o povo foi ao mesmo tempo castigado pelas suas murmurações. Um vento sul abateu uma grande quantidade de codornizes, que êles devoraram avidamente, razões porque muitos pereceram. Êste lugar foi cha-

mado *sepulcro da concupiscência*. Até Maria, irmã de Arão, ousou dizer mal de Moisés.

Para expiação da falta uma vergonhosa lepra lhe cobriu o corpo durante sete anos.

(Continua)

• • •

## Ordem da Mensagem Israelita do Resgate

Art. 1.º — A O. M. I. R. é uma associação de portugueses israelitas destinada ao ensino da sua religião e tem por fins especiais os seguintes:

a) — Fortalecer o conhecimento e pratica do judaísmo entre os individuos, que voluntariamente declarem ser descendentes de israelitas ou desejar seguir essa confissão religiosa.

b) — Tornar conhecido do grande publico as excellencias da historica civilização hebraica e da contribuição judaica para o engrandecimento da Nação Portuguesa.

c) — Fomentar a ligação espiritual das comunidades israelitas do rito português, existentes em paizes estrangeiros, com Portugal.

Art. 2.º — Realiza os seus fins por meio de lições, de palestras, de conferencias, de publicações, de excursões, de exposições de escolas, de Bibliotecas e salas de leitura, etc.

Art. 3.º — A O. M. I. R. publicará um periodico que será o seu órgão official.

Art. 4.º — Constituem fundos da O. M. I. R.

a) quotas dos socios;

b) produto da venda de publicações;

c) quaisquer donativos, legados ou subsidios.

Art. 5.º — A O. M. I. R. terminará quando 2 terços dos socios, reunidos em assembleia geral para esse fim convocada, votarem a dissolução.

Art. 6.º — Haverá as seguintes categorias de socios;

a) *Professos* — são os israelitas portugueses natos ou naturalizados de ambos os sexos, praticantes da religião israelita, que trabalhem para os fins da O. M. I. R. e que paguem uma quota mensal.

b) *Auxiliares* — são os portugueses, israelitas ou não, que simpatizarem com os fins da O. M. I. R. e contribuam para ella com uma quota mensal.

c) *Profetores* — são os israelitas estrangeiros que coadjuvem a instituição com quotas, ou subsidios eventuais.

d) *Benemeritos* — são classificados como tais todos os socios que a assembleia geral reconheça terem praticado actos relevantes em prol da Instituição ou dos seus fins

Art. 7.º — Nenhum socio poderá ser admitido com menos de 18 anos de idade.

Art. 7.º — Haverá um conselho administrativo e um pedagogico.

Art. 8.º — O conselho administrativo será constituída por um Presidente, Vice-Prisidade, um secretario, um tesoureiro e dois vogais. A este conselho incumbe a parte financeira da vida da O. M. I. R. e o progresso da sua parte material. Reunirá pelo menos

uma vez mensalmente e lavrará uma acta da sessão, assinada, pelo menos, por o presidente ou vice presidente e mais dois membros do concelho.

Art. 9.º - O Conselho pedagogico sera constituido por 7 membros, um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e três vogais.

Reunirá, pelo menos, uma vez mensalmente e Lavrará uma acta da sessão, assinada pela maioria dos seus membros.

Sucumbe-lhe a direcção da parte educativa da O. M. I. R.

Art. 9.º - A mēsa da Assembleia Geral é contituida por um presidente, um vice-presidente, um 1.º secretario e um 2.º secretario.

Art. 10.º - A Assembleia Geral é constituida por todos os socios seja qual for a sua categoria.

Art. 11.º A A. Geral delibera na sua primeira reunião com a maioria absoluta dos seus membros.

Não podendo deliberar por falta de numero na 1.ª reunião, deliberará na segunda reunião com um terço dos seus membros e nunca com menos. Na 2.ª reunião serão descontados os membros que estejam residindo no estrangeiro ou longe do Porto, mesmo eventualmente, e que não passem procuração para serem representados.

Art. 12.º - Ninguem pode apresentar mais que uma procuração.

Art. 13.º - Ninguem poderá votar nas Assembleias Gerais sem ter um ano de inscrição na O. M. I. R. e sem ter pago, as suas respectivas quotas, exceptuando-se os socios benemeritos.

Art. 14.º - Para o conselho pedogico só poderão ser eleitos os socios professos, podendo porem este conselho solicitar a colaboração de algum socio auxiliar ou protector com o elemento consultivo.

Art. 15.º - Para o Conselho administrativo podem ser eleitos socios professos, auxiliares e protectores, devendo a maioria ser de socios professos.

Art. 16.º - Haverá uma comissão de contas, composta de 3 membros, de qualquer categoria, eleita em assembleia geral para fiscalisação da parte economica da O. M. I. R.

Art. 17.º - A admissão dos socios e sua classificação é da competencia do Conselho Pedagogico devendo comunicar ao conselho administrativo as admissões e classificações.

Art. 18.º - Tanto o conselho pedagogico como o conselho administrativo elaborarão regulamentos ou instruções especiais que serão submetidos á aprovação da assembleia geral.

Art. 19.º - Serão considerados fundadores todos os socios, seja qual fôr a sna categoria, que se inscrevam na O. M. I. R. até á festa de Pessoa hebraica (Pessah') de 5695 (1935 s. v.).

Art. 20.º - Compete ao Conselho Pedagogico a iniciativa da mudança de categoria dos socios, devendo justificar essa mudança perante a assembleia geral

Art. 21.º - A O. M. I. R. é independente de qualquer comunidade israelita portuguesa.

## TALMUD

### I - Os Antecedentes

Em 586 antes de Cristo, o reino de Judá, único vestígio do povo de Israel que

subsistia então em Canaan, sofreu um espantoso desastre. O templo foi reduzido a ruínas, o seu culto suprimido e a maior parte da nação levada em cativo para Babilónia. «o capitão das guardas deixou sómente como vinhateiros e como lavradores alguns dos mais pobres do país» (2 Reis, 25, 12).

Amarga justificação do grito desesperado: O quê! Ei-la jacente, soltária, a cidade ainda há pouco tão povoada! Ei-la semelhante a uma viuva! Ela era grande entre as nações, soberana entre os estados; está reduzida à escravidão! (Lamentações, I, 1).

Sob o ponto de vista nacional, a catástrofe agravava se ainda com o facto que, já um século e meio antes, em 722; o reino do norte, o das dez tribus, tinha sido esmagado pelo exercito dos Assírios e que os seus habitantes, desterrados, se tinham encontrado, na maior parte absorvidos pelos invasores. Se a sorte de Judá devesse que acabar assim seria a nação inteira que se extinguiria e o nome de Israel teria deixado de existir.

Triste perspectiva! Em Babilónia os dirigentes judeus, tomados de tal angustia, penetraram logo o problema da sobrevivencia nacional. Como conjurar a extinção total. A qualidade distintiva do povo de Israel não tinha sido em todos os tempos a sua religião, gravitando em volta do templo? Era preciso pois frequentar por quaisquer meios, agora que o santuário já não existia e que o povo transplantado, estava exposto a sofrer poderosas influências estrangeiras, se ele poderia preservar perpetuara sua vida profunda, a sua individualidade específica.

Os textos bíblicos que tratam desta época não fornecem ensinamentos detalhados, mas, apesar disso certas alusões ajudam contudo a compreender a decorrer dos acontecimentos. No seio da comunidade dos cativos, uma personalidade de primeiro plano se eleva; é o profeta Ezequiel. Ele vai, primeiro consagrar-se a resolver o problema do qual, humanamente falando, depende a salvação de Israel. As suas profecias mencionam três circunstâncias, em que «os anciãos de Judá» se reuniram em casa d'ele, e é natural supôr que nestas reuniões

(Continua).